

## **Metais da estância velha do jarau: cotidiano, trabalho e beliciedade**

Diele Ilha Thomasi<sup>1</sup>

### **Resumo:**

O sítio histórico Estância Velha do Jarau, fica localizado a 25km do município de Quaraí-RS, foi um importante centro de relações sociais, políticas e econômicas da região, além de ter representado um relevante papel nos constantes conflitos da região fronteira do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai durante o decorrer dos anos de 1828 a 1905.

O objetivo deste trabalho é analisar a cultura material da Estância Velha do Jarau, mais especificamente os metais, buscando compreender até que ponto estes condizem com a cultura material procurando, dessa forma, uma visão sobre o cotidiano destes personagens atuantes no contexto do sítio.

É possível perceber a presença de peças relacionadas às atividades típicas de uma estância do século XIX, no sul do Brasil, bem como uma tralha bélica.

**Palavras - Chaves:** Metais, Arqueologia Histórica, Rio Grande do Sul.

### **A arqueologia Histórica:**

Na atualidade, para o arqueólogo Marcos Albuquerque <sup>2</sup>a Arqueologia Histórica representa uma “nova abordagem da história, pela via da documentação material, ou visto de outra forma, o pós-contato representa mais um período a ser estudado pelo arqueólogo”. Já para o Arqueólogo Charles Orser Jr <sup>3</sup> Arqueologia Histórica é “El estudio arqueológico de los aspectos materiales em términos históricos, culturales y sociales concretos, de los efectos del mercantilismo y del capitalismo originado de la Europa del siglo XV todavía en acción hoy”.

Entretanto, sabemos que conceitos, para arqueologia em geral, são bastante discutíveis, sendo que não podem ser aplicados de maneira generalizada.

A Arqueologia Histórica possui, segundo Tânia Andrade Lima<sup>4</sup>, especificidades, por exemplo, a possibilidade do trabalho com documentos escritos, em decorrência destas características, sua conceituação é bastante complicada e complexa. Pois segundo Pedro Paulo Funari<sup>5</sup> :

---

1 Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural

2 ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1993.

3 ORSER, Charles E. *Introducción a la Arqueología Histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología., 2000.

4 LIMA, Tânia Andrade. Os Marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. V. XXVIII, n2, 2002.

5 FUNARI, P. P. A. A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, p. 35-41, 2003.

(...) parece-nos que se devem reconhecer as particularidades metodológicas do estudo das sociedades com escrita e com documentos, examinando os papéis históricos e singulares que escrita possui na comunicação, representação e na própria construção discursiva da disciplina Arqueologia. A presença de documentos caracteriza e define as sociedades em que diferentes sistemas de escrita são utilizados.

No modelo Norte-Americano, a Arqueologia Histórica seria a arqueologia do Capitalismo, das relações estabelecidas entre as pessoas após o advento do Mercantilismo nas Américas, entretanto, a formação histórica latino-americana é muito diversa da formação norte americana, que apresentou valores e características burguesas na sua formação, a América do sul, incluindo o Brasil, possui uma formação menos aristocrática. O arqueólogo Marcos Albuquerque<sup>6</sup> fala que:

Os sujeitos sociais fragmentados da Arqueologia Histórica no Brasil são mais ambivalentes e contraditórios, a começar de uma elite patriarcal predatória e truculenta, pouco instruída, infensa a qualquer liberdade: pouco aristocrática e em nada burguesa, a despeito do uso de porcelana e perfumes que, alhures seriam sinal de uma coisa ou de outra. Do outro lado, os sujeitos são heterogêneos por definição: indígenas, negros, mulatos, libertos, pobres, caboclos, sertanejos, num elencar sem fim de lutadores que não eram tampouco indivíduos como seus congêneres dos centros hegemônicos americanos e europeus.

A arqueologia histórica no Brasil e na América Latina possui, dessa forma, essas especificidades, esses agentes históricos ambíguos, personagens possuidores de identidades muito fragmentadas e volúveis, aonde seus papéis na construção histórica do Brasil e da América Latina transitaram e transmigram dentro das diversas esferas compositoras da sociedade latino-americana, e, portanto, na tentativa de alcançar essas pessoas, a arqueologia histórica na América Latina necessita ser também específica, ou adaptando-se as condições presentes nos sítios, e fazendo-se uma “regionalização” dos pressupostos já existentes, ou construindo novas formas, métodos, teorias, enfim, que seriam adequados à situação que se apresenta à frente dos arqueólogos-historiadores da América - Latina e do Brasil.

### **O contexto formador do Rio Grande do Sul, da Cidade de Quaraí e da Estância Velha do Jarau.**

---

<sup>6</sup> ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil.. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 1993.

O Rio Grande do Sul possui um caráter específico em relação aos demais estados, não se enquadrando nem dentro do caso da exploração colonial, tal como os processos de mineração, e nem em outras formas de produção agrícola, como o caso do açúcar, teve uma integração relativamente tardia ao Brasil colonial.

Com as missões jesuíticas, mais precisamente quando os padres da companhia de Jesus se retiram, deixa nos campos o fundamento econômico básico da terra gaúcha: a preia do gado xucro. A tropeia deste gado fazia-se em termos de fornecimento de animais para o corte e para o transporte, na região de Minas, principalmente de mulas, e por isso, foi preciso adentrar na área platina, com isso, formou-se um tipo social específico deste período e local: o tropeiro, chefe de um bando armado que conduzia estes rebanhos até seu destino.

Na terceira década do século XVIII, teve início o processo de distribuição de sesmarias, com a posse de terra e gado, estabeleceu-se a estância. Estas sesmarias eram doadas pela Coroa para tropeiros que se sedentarizaram ou militares como retribuição a serviços militares prestados. Essas estâncias se utilizaram quase que massivamente da mão-de-obra de peões, que foram elementos subalternos do antigo bando armado que tropeava gado ou índios vindos das antigas missões jesuíticas.

Além de núcleo produtivo de gado, tanto para o consumo fora do estado, como também para o consumo interno, nas charqueadas, o estabelecimento de estâncias na fronteira oeste do Rio Grande do Sul inseri-se na estratégia imposta pela Coroa Luso-brasileira na fixação dos limites, com uma efetivação da posse do território segundo SANTI<sup>7</sup>:

Pode-se perceber que a maioria dos autores trata as estâncias como elementos que se tornaram uma forma eficaz de ocupação e povoamento desta parte do território riograndense (Fronteira Oeste). Assim, a relação dos possíveis proprietários com a terra em conquista se inicia pelo gerenciamento das potencialidades naturais, como áreas de captação de recursos, para o suprimento de necessidades básicas, estruturando as condições que permitam o desenvolvimento de uma economia produtiva, baseada na criação de gado.

Os conflitos resultantes da demarcação de limites eram constantes e implicavam necessariamente de um reforço militar na área, mais do nunca, a Coroa precisava de estancieiros com seus homens para a defesa das terras, com isso, as autoridades luso-brasileiras, se viram obrigadas a outorgar poderes militares a estes estancieiros, distribuindo

---

<sup>7</sup> SANTI, Juliana R. *Estabelecimentos de Estâncias: Estratégia Imposta pela Coroa Luso-Brasileira na Fixação dos Limites da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2004.

terra e cargos entre estes homens. Frequentemente esses estancieiros exerceram seu poder na defesa de seus interesses privados, entrando em conflito com aqueles que representavam os interesses da Coroa Luso-Brasileira. Todavia, estes verdadeiros oficiais militares, com suas tropas irregulares de peões-soldados, tinham uma importância muito grande na manutenção das fronteiras, que acabam por ter uma relativa liberdade, ora servindo a coroa, ora agindo conforme seus interesses.

A formação do Estado do Rio Grande do Sul traz em seus primórdios uma organização social e territorial bastante característica. O desenvolvimento de estabelecimentos denominados Estâncias – que surgem para ocupar e povoar essas terras que se encontram sob constante ameaça espanhola – acaba por delinear e firmar alguns padrões de relacionamento e conduta. Dessa forma, as Estâncias contribuem para a formação de uma base econômica – a criação de gado – mas fundamentalmente, são ambientes cuja organização e complexas relações dão origem a um referencial cultural, a hábitos e costumes caracteristicamente denominados “gaúchos”.

O sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, região denominada de Campanha, apresenta-se como uma área com especial importância histórica e arqueológica.

A cidade de Quaraí foi criada no dia 8 de abril de 1875. O município de origem é Alegrete. O município tem origem e marca da cultura indígena. Nesta terra viveram Jaros, Guenoas, Mínuanos e Charrúas.<sup>8</sup>

Na paisagem de Quaraí, um aspecto salta aos olhos, o Cerro do Jarau, um cerro com 11 colinas dos quais o mais elevado está a 310 metros do nível do mar e o menor a 280 metros, sendo que suas características geológicas evidenciam uma formação relacionada a atividades de vulcanismo. Em relação à Estância Velha do Jarau, servia como um grande e privilegiado ponto de observação, segundo Gomes<sup>9</sup>:

A contribuição do cerro no aspecto da segurança da propriedade corresponde a sua possibilidade de oferecer uma privilegiada visão das áreas próximas, servindo de ponto de observação das movimentações de tropas de gado e hordas castelhanas pelos terrenos.

8 PONT, Raul. *Campos Realengos-Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Renascença, 1983.

9 GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. *Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905) Um Estudo de Caso Em Arqueologia Histórica Rural*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

Localizado próximo à estância, seu acesso era muito fácil para os moradores do local. Segundo Fernandes<sup>10</sup>:

Estes serros servem na Capitania de distinguir as diversas partes dela e de fazer conhecer os sítios particulares de cada uma. Alguns deles têm servido as vigias em tempos de guerra, por descobrirem o campo até grandes distâncias.

Na sua formação geológica, o Cerro do Jarau apresenta diversas formações como grutas e fendas, além de supostas evidências de atividades vulcânicas<sup>11</sup>, pretéritas ou não, serviram para a criação de lendas e mitos envolvendo o cerro em históricas míticas e místicas. Segundo as lendas<sup>12</sup>, em uma gruta do Cerro Jarau, viveria um ser mítico, a Teiniaguá, uma princesa moura encantada que possuiria diversos poderes e teria ligação com o diabo-vermelho, ou o Anhangá-Pitã, e esta gruta em que mora seria uma furna, da onde rolos de fumaça e fogo saíam de tempos em tempos, a esta gruta chama-se Salamanca do Jarau. A presença lendária da Teiniaguá no Jarau vai ter uma forte influência sobre a história da Estância Velha do Jarau, bem como da própria história de Bento Manuel Ribeiro, um dos proprietários da estância.

Ao pé do Cerro do Jarau, As ruínas da antiga estância encontram-se na base do Cerro do Jarau, Trata-se de uma área com especial importância histórica e arqueológica: fronteiras, lutas, gado, estâncias, além de serem encontrados aí os vestígios mais antigos de ocupação humana do Rio Grande do Sul. As datas sugerem aproximadamente 12 mil anos A.P.

A Estância Velha do Jarau, que tem suas primeiras estruturas construídas por volta de 1817<sup>13</sup> em meio a lutas que visam definir os limites territoriais nacionais, e alternando-se seus proprietários, vai, gradualmente, adquirindo proporções imponentes - é estabelecimento produtivo e locus residencial- e até 1905, quando é abandonada em função de um incêndio.

As ruínas que se encontram na base do Cerro do Jarau (Quaraí), a estância Velha do Jarau, instigam pesquisas que nos levam a compreender a complexa organização da antiga estância. É uma estância na Campanha do século XIX, que, a partir de uma controlada incursão arqueológica, passa a ser incorporada também sua cultura material, que contextualizada ao sítio e relacionada com estruturas específicas, possibilita a reconstituição

10 FERNANDES, Domingos José Marques. A Primeira História do Gaúcho. *Pesquisas*, n.15, Ano 5, p.p 28-29. 1961.

11 RAMBO, Balduino, S.J. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

12 NETO, J. Simões Lopes. *Lendas do Sul*, Porto Alegre: Editora Globo, 11ª edição, 1983.

13 PONT, Raul. *Campos Realengos-Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983.

de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano desse grupo, ou seja, atinge-se a esfera das relações humanas, seja em seu caráter social, político, econômico ou cultural.

### **Vestígios Materiais do Cotidiano da Estância Velha do Jarau: Os Metais**

Os elementos materiais de um grupo humano do passado podem apresentar-se como uma fonte que não pode ser distorcida segundo os interesses e valores das pessoas que a produziram.

As evidências recuperadas nas pesquisas arqueológicas possibilitam a reconstituição de um quadro mais amplo sobre os modos de vida e o cotidiano de grupos domésticos do passado.

O estudo dos artefatos coletados de uma unidade residencial e de seu entorno recupera o comportamento combinado de aquisição e deposição de todos os moradores da casa e, eventualmente o comportamento dos mesmos.

Nesse sentido a análise adentra num campo onde é possível relacionar as informações retiradas das fontes documentais e as fontes materiais.

As evidências arqueológicas coletadas em uma casa são evidências de atividades cotidianas de um determinado grupo social e exclusivamente doméstico em sua interação com um grupo maior.

Conforme Symanski<sup>14</sup> para compreendermos essas atividades, ligadas à produção e reprodução social, consumo e socialização, a partir dos elementos materiais da cultura, consideramos a existência de uma interação entre esses elementos e os grupos domésticos a eles relacionados. Ainda nesse ponto, os artefatos são imbuídos de significados que o arqueólogo busca compreender através de hipóteses e inferências que possibilitem relações que se adequem aos dados levantados nas pesquisas.

Para se realizar as análises, é feita uma primeira seleção das peças que estejam em um bom estado de conservação e que possam ser identificadas.

### **Vida Privada da Estância: hábitos a mesa e vestimentas**

São objetos utilizados no cotidiano de dentro da residência, no âmbito familiar e doméstico, inclusive os hábitos a mesa. Fazem parte do privado dos indivíduos, são talheres, acessórios e vestígios de vestimentas.

---

<sup>14</sup>SYMANSKI, Luis Cláudio P. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*, Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.

Os talheres segundo Algrant<sup>15</sup> só se generalizaram tanto na coroa quanto no Brasil em meados do século XIX, eram “objetos raros, usados em grandes ocasiões, como o jantar oferecido a um alto dignitário da igreja”, no mesmo local de escavação encontrou-se um garfo artesanal, rústico e grosseiro, feito a partir de arames retorcidos, com três dentes e cerca de 22cm de comprimento, contrapondo a delicadeza e refinamento dos outros pequenos garfos, apresentando-se como uma adaptação de hábitos. Todos os garfos apresentam quatro dentes, exceto o artesanal, talheres com quatro dentes começaram a ser produzidos a partir de 1880<sup>16</sup>, data inserida dentro do contexto de atividade na estância. A colher pequena não tem mais que 7,5 cm de comprimento, também é bem rasa, sendo impossível utilizá-la para líquidos ou caldos, sendo mais provável que fosse utilizada para adoçar ou servir pequenas porções de doces. Outra colher encontrada no sítio apresenta maior profundidade, sendo possível utilizá-la para líquidos.

Sobre os botões um item que salta aos olhos é a presença de uma peça específica um botão com uma inscrição em alto-relevo, o escudo da república uruguaia, concomitante a outros botões, mas comuns em sítios históricos do século XIX, como botões parisienses e ingleses.

### **Tralha Bélica: Armas e Fronteiras**

Entende-se por tralha bélica aqueles artefatos que se relacionam com o militarismo, com os conflitos armados e aquelas atividades que envolviam a utilização de armas brancas ou de fogo, tais como a caça.<sup>17</sup>

Da cultura material, dois cartuchos de fuzil Lefauchaux<sup>18</sup> nos chamam atenção, de origem francesa começaram a ser produzidos a partir de meados do século XIX, concomitante, 2 cartuchos de pistola de calibre 22, projéteis esféricos e de alma raiada, bainhas de armas brancas, como de baionetas e sabres além de cartuchos de fuzil, sendo que, cerca de um quarto desses cartuchos são de festim, isso se justifica, pois nos anos 80 a Estância Velha do Jarau foi utilizada como campo de instrução para exercícios militares pelo exército brasileiro.

### **Ferramentas e Tralha Eqüestre: as lidas Campeiras da Estância Velha do Jarau.**

15 ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e Vida Doméstica, *História da Vida Privada No Brasil*, São Paulo: companhia das letras, 1997.

16 Anteriormente a esta data, os garfos possuíam apenas 3 dentes.

17 THOMASI, Diele I. Cotidiano e belicosidade e na Fronteira Brasil Uruguai: Os Metais da Estância Velha do Jarau. *Anais Completos do VII INIC e III EPG*, 2003.

18 HOOG, Ian V. *The Illustrated Encyclopedia of Firearms*, Middlesex: Hamlyn, 1980.

As atividades de campo, as chamadas “Lidas Campeiras”, ou seja, o trato e utilização do gado ovino, eqüino, bovino e muar, assim como atividades de plantio e manutenção da estância podem ser observados por essa cultura material específica.

A tralha mostra a presença dos animais no sítio, tanto o gado eqüino quanto o muar e ovino, e também as atividades não domésticas no sítio, através de ferramentas da lida de campo e com o gado, como a tesoura de tosquia e os aparatos para mulas.

Peças específicas como o arado e foice, indicam a presença de lavouras anciliares, nem só de carne se vivia, e sim também de outros viveres, como uma pequena roça de subsistência.

As chaves de alambrador lembram o: processo de cerceamento dos campos, e o abandono paulatino das grandes mangueiras de pedra.

### **Conclusões Parciais**

A partir da cultura material resgatada das diversas escavações desenvolvidas pelo LEPA, é possível observar uma grande variedade de peças, inseridas nas atividades cotidianas da estância, tanto dentro de casa, nas tarefas domésticas, com inclusive a presença de objetos adaptados à cultura européia em que estava inserido, quanto nas atividades de campo, como a agricultura e as atividades de montaria, tão frequentes no Rio Grande do Sul, além disso, existe a presença de peças relacionadas a armamento e belicismo, objetos típicos de uma região conflituosa como a fronteira Brasil Uruguai, inseridas no seu período histórico.

Além disso, é importante lançar um olhar mais apurado e atento sobre a coexistência de objetos importados e nacionais, bem como com temáticas estrangeiras no mesmo contexto, o que um botão uruguaio faz em uma possessão Luso - Brasileira? As possibilidades são múltiplas, se tratando de uma área onde os limites fronteiriços se esvanecem frente às diversas relações estabelecidas entre os indivíduos que ali viviam.

Peças específicas como o arado, indicam a presença de uma lavoura anciliar, nem só de carne se vivia na Estância Velha do Jarau, também de batata, mandioca, milho. Outras peças, como as chaves de alambrador nos falam do processo de cerceamento dos campos com o arame farpado, que, se tratando de Jarau, caracterizado pelas extensas mangueiras de pedra, podem contribuir bastante para a continuação deste trabalho, além de toda a cultura material do sítio, que possui um grande potencial enquanto fonte de pesquisa.

### **Referências Bibliográficas:**



ALBUQUERQUE, Marcos. Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. *Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. 1993. Em [www.magmarqueologia.pro.br](http://www.magmarqueologia.pro.br) em 23 de abril de 2006.

ALGRANTI, Leila Mezan. Família e Vida Doméstica, *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERNANDES, Domingos José Marques. A Primeira História do Gaúcho, *Pesquisas*, n.15, Ano 5, p.p 28-29. 1961.

FUNARI, Pedro Paulo . A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial. *Revista de História Regional*. V. 6, n. 2, p. 35-41, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. *Os Avanços da Arqueologia histórica no Brasil, um Balanço*. Em [www.comciencia.br](http://www.comciencia.br) .Em 23 de abril de 2006.

GOMES, Flamarion Freire da Fontoura. *Aspectos da Cultura Material e Espacialidade na Estância Velha do Jarau (1828-1905) Um Estudo de Caso Em Arqueologia Histórica Rural*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

HOOG, Ian V. *The Illustrated Encyclopedia of Firearms*, Middlesex: Hamlyn, 1980.

KERN, Arno Alvarez. Cultura Européia e Indígena no Rio da Prata nos Séculos XVI/ XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*. 1993.

LIMA, Tânia Andrade. Os Marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites. *Estudos Ibero-Americanos*. V. XXVIII, n2, 2002.

NETO, J. Simões Lopes. *Lendas do Sul*, Porto Alegre: Editora Globo. 11ª edição. 1983.

ORSER, Charles E. *Introducción a la Arqueología Histórica*. Buenos Aires: Asociación Amigos del Instituto Nacional de Antropología, 2000.

PONT, Raul. *Campos Realengos -Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Renascença, 1983.

RAMBO, Balduino, S.J. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

SANTI, Juliana R. *Estabelecimentos de Estâncias: Estratégia Imposta pela Coroa Luso-Brasileira na Fixação dos Limites da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul* Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM, 2004.

SYMANSKI, Luis Cláudio P. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*, Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.

THOMASI, Diele I. Cotidiano e belicosidade e na Fronteira Brasil Uruguai: Os Metais da Estância Velha do Jarau. *Anais Completa do VII INIC e III EPG*, 2003.